

DIVER CIDADE, TERRITÓRIOS ESTRANGEIROS COMO TOPOGRAFIA DA ALTERIDADE EM SÃO PAULO

Maura Pardini B. Vêras
São Paulo: Educ, 2003.

Maria do Rosário Rolfsen Salles
(Universidade Anhembi Morumbi)

A leitura da cidade de São Paulo como metrópole contemporânea inserida no desenvolvimento globalizado do capitalismo mundial, suas implicações e consequências sobre a reestruturação urbana, o emprego, o aumento do desemprego e da exclusão social, a precarização do trabalho, a segregação social, os conflitos étnicos e culturais e tantos outros aspectos que compõem a cena urbana contemporânea são os termos que constitui em apenas parte da abordagem teórica e metodológica da cidade como, é proposta neste novo livro de Maura Pardini B. Vêras, autora de outras publicações sobre o tema da cidade. A riqueza da proposta consiste na busca das relações vividas, apreendidas pela memória dos estrangeiros em São Paulo, subjacentes ao fenômeno macro da globalização. É preciso que as especificidades próprias à cada cidade se explicitem e é nesse sentido que a compreensão da metrópole paulista aparece como forma de entender seu lugar na nova divisão internacional do trabalho, na passagem de suas funções industriais para as financeiras e de serviços, na constituição de um terciário sofisticado etc. mas sobretudo através da sua formação complexa e excludente, que evidenciará diferentes formas de identidade. A proposta então é entender a configuração de territórios na cidade, seus componentes étnicos, culturais e políticos, através da construção das relações de alteridade na metrópole.

Escrito originalmente como tese de livre-docência defendida na PUC/SP, intitulada *Estrangeiros na metrópole: espacialização, trajetórias e redes de sociabilidade*, a autora, neste livro, dá continuidade às preocupações que nortearam sua tese de doutorado sobre o bairro do Brás, em São Paulo, em que sua preocupação é a segregação social e a temática das desigualdades socioespaciais ou a questão da alteridade e da topografia das diferenças.

De especial interesse, para os estudiosos da cidade e das questões urbanas, em particular, o livro de

Maura Pardini Bicudo Vêras é também uma importante contribuição à história da imigração em São Paulo e da presença dos estrangeiros e seus territórios na cidade. A análise da distribuição dos imigrantes na cidade, é uma das maiores contribuições à construção de uma história urbana de São Paulo.

O livro é organizado em quatro partes distintas e articuladas, em que se evidencia de diferentes maneiras uma visão da cidade de São Paulo, “metrópole global” ou cidade mundial, em que o paradigma da *global city* “representa um enclave de penetração do capitalismo central, pólo de controle na nova rede territorial” (p.13), mas que, no entanto, esconde as especificidades nacionais e regionais, que apontam para a necessidade de se entender suas identidades ou a “subjetividade do universo simbólico” subjacente à visão de São Paulo como cidade mundial, expressa pela significativa presença dos grupos estrangeiros na metrópole e na organização de seu território.

A contribuição do trabalho é então combinar a história social da imigração com a história urbana, identificando a localização de diferentes grupos na metrópole. O estrangeiro, apreendido em sua dupla dimensão: as origens nacionais (pelos Censos), e presença econômica, social e cultural, (pelas informações da bibliografia, mas sobretudo pela recuperação através das entrevistas realizadas), além do migrante nacional, são vistos na sua diversidade expressa no espaço urbano, na arquitetura, estilos de vida, formas de sociabilidade, redes de sociabilidade, enfim, na sua “territorialidade”, conceito desenvolvido pela autora e que, aliado à idéia de multiculturalidade, proporciona o debate sobre a alteridade e a convivência na metrópole.

O livro privilegia entre as presenças de grupos imigrantes mais significativos, a imigração italiana, mas não deixa de caracterizar os grupos étnicos mais importantes. Assim, trabalha com os principais movimentos migratórios e suas marcas mais significativas na cidade (habitação, cultura, modos de vida, profissões e localização no espaço urbano de grupos de imigrantes portugueses, japoneses, italianos e espanhóis), regatando a história pelo recurso à história oral e à memória da imigração italiana. Nesse processo algumas questões são privilegiadas: resgatar as redes de sociabilidade como componente básico das identidades e da territorialidade. Entender como as identidades se formam em relação às distinções entre grupos e, dessa

forma, como se constituem os bairros (mistos e estigmatizados). Outra questão importante para qualquer estudioso do processo migratório é como se contrapõem antigas e novas levas migratórias. Dessa forma, é através dos depoimentos como fragmentos de histórias de vida pessoais que é possível se entender o social.

Na primeira parte do livro, intitulada “Algumas referências significativas”, a autora apresenta os eixos principais da análise, em que os conceitos de territorialidade, alteridade, memória e representação, são discutidos da perspectiva da segregação socioespacial, da dimensão política e da produção do espaço, que, embora coletiva, leva à privatização e à discriminação étnico-cultural. Ou seja, a apropriação do espaço é fragmentada e os processos de desterritorialização ou desenraizamento próprios à imigração aprofundam novas formas de identificação, acabando por representar, ao lado das lutas pelos usos do espaço, novas formas de segregação e hierarquização, separando e segregando bairros com funções diferentes, como mostra a autora.

Se, por um lado, a globalização tende a homogeneizar as diferenças, o que tem sido observado, por outro, é a reafirmação das etnicidades ou das identidades. Dessa forma, a autora encontra o gancho para discutir a alteridade nesse processo. A alteridade se constitui nas relações sociais, mas está presente na subjetividade das pessoas e se refere ao seu universo simbólico e ao imaginário passíveis de apreensão pelas “representações”. Não há “alteridade” em geral, mas como expressão de relações que, no caso das nacionalidades, se constroem, também, a partir das representações de uma auto-imagem dos grupos. Isso supõe uma tensão permanente entre grupos da sociedade local e de estrangeiros. Enfim, através da vivência da imigração pode-se apreender esse fenômeno, como diz Abdelmalek Sayad, como “um fato social total”. Nas palavras da autora, “o itinerário do imigrante é também caminho epistemológico que nos oportuniza falar da sociedade como um todo.” (p.36).

A segunda parte, “Resgatando a história”, fala sobre as ondas migratórias, da transformação do “burgo de estudantes” no século XIX à metrópole atual. Ressalta a presença imigrante na construção da cidade em diferentes períodos, num processo contínuo de loteamentos e espraiamento da malha urbana, a expansão do transporte coletivo, a ocupação de áreas mais longínquas, condições para que se desenvolvesse a indústria e

para que São Paulo se tornasse o epicentro de um novo modelo de acumulação no País. Esse processo permitiu que, já nos anos 50 e 60, a cidade apresentasse um surto de crescimento não previsto, 8,4 milhões de habitantes em 1980 e 9,5 milhões em 1991.

Nesse processo, desde a década de 1920, à imigração estrangeira somava-se o movimento interno de migração, que engrossaria os bairros operários habitados por estrangeiros e formaria novos, responsáveis pela expansão da periferia na sua forma atual e das favelas e loteamentos “clandestinos”, produzindo-se, por efeito conjunto com as políticas urbanas, uma “cidade segregada”. A autora trabalha com uma classificação dos imigrantes em quatro grupos principais: 1 portugueses, japoneses, italianos e espanhóis, com mais de um século de imigração; 2 demais europeus (alemães, poloneses e romenos) e provenientes do Oriente Médio (sírios e libaneses), judeus (alemães, russos, poloneses, romenos etc.); 3 latino-americanos vindos durante o período da ditadura; 4 grupo de imigração mais recente e formado por asiáticos: chineses e coreanos. O grupo africano de imigração mais recente não foi trabalhado neste livro.

O resgate histórico que compõe ainda esta parte do livro conta com uma breve descrição dos processos migratórios referentes a cada uma das etnias componentes do grupo 1. Em seguida procede a uma análise da sociedade receptora, da economia cafeeira e das transformações nas relações de produção. Evidencia-se, assim, como a política imigratória, pautada na ideologia do “branqueamento”, era francamente racista em relação não apenas ao negro, mas também a outras etnias, como os chineses e japoneses. Práticas racistas, enfim, que colocaram ex-escravos e mestiços em situação de marginalidade com relação ao mercado formal de trabalho assalariado em formação. O imigrante passa a ser visto como o trabalhador ideal, o que fundamenta formas de sociabilidade que estão na base da relação de alteridade. Com relação especificamente à imigração italiana, é bom lembrar que o processo de constituição de identidade se deu no Brasil na medida em que a experiência do pertencimento regional entre os italianos e sua cultura e dialetos regionais eram mais fortes do que a idéia de uma nação italiana.

A terceira parte, “Estrangeiros em tempos globais: a metropolização de São Paulo”, trata da trans-

formação da cidade de São Paulo a partir dos anos 80, quando se altera o perfil de cidade industrial e se assiste à sua inserção como cidade mundial, no contexto da globalização. A característica básica dessa nova metrópole é a tensão entre o local e o global, em que as novas condições conduzem a novos processos de territorialização, novas redes territoriais.

Nesse processo, as periferias, que foram produzindo os maiores contingentes populacionais, recebem a grande maioria dos migrantes nacionais e pobres, e se constituem como áreas de habitação precária, favelas e loteamentos clandestinos, enquanto em algumas partes das áreas centrais e intermediárias proliferam cortiços, habitações coletivas e precárias. Enfim, a autora descreve e trabalha com dados sobre um processo que é consequência da própria metropolização. Ao mesmo tempo, a desconcentração industrial nesse período conduz à desconcentração metropolitana em direção à formação de cidades menores periféricas (que abrigam 38% da população da metrópole) e que se relacionam com a capital (com 62% do contingente populacional). É a isso que se pode chamar de “uma nova configuração urbana”, em que se expandem e fortalecem as funções de controle, comando e administração das grandes empresas sediadas na cidade, em detrimento das funções de produção. É assim que se constitui então o terciário em seus diferentes aspectos, como os setores ligados à gestão do capital, sofisticação de serviços etc., e a desigualdade que se reflete no espaço, na fragmentação da cidade e nas novas formas de territorialidades, sinônimas de diferentes formas de cidadania.

Em seguida, numa seção ainda analítica, mas bastante informativa dentro do capítulo que descreve os territórios estrangeiros na metrópole, a autora se dedica a explorar dados censitários para a construção de uma cartografia dos estrangeiros distribuídos pelos quatro grupos de nacionalidades, presentes na cidade em 1980 e em 1991. São extremamente importantes as conclusões desse capítulo: há o aumento visível de 1980 a 1990, da entrada de latino-americanos na cidade (chilenos, bolivianos e peruanos), além de coreanos, chineses e norte-americanos. Quanto aos grupos de presença antiga, dos grupos 1 e 2, verifica-se uma constância, entre os Censos de 1980 e 1991, nos mesmos territórios, para algumas nacionalidades, enquanto para outras verifica-se um deslocamento: os portu-

gueses, antes concentrados nas regiões Noroeste e Norte da cidade, deslocam-se relativamente para Sul e Sudoeste e formam novas concentrações a Nordeste e Sudeste, apesar de apresentarem uma distribuição mais ou menos espalhada por toda a cidade, especialmente nas regiões de urbanização consolidada. Os japoneses permanecem concentrados no bairro da Liberdade, mas perdem em intensidade em outras regiões centrais (Sé e Aclimação). Os italianos, de grande peso nos distritos centrais, Oeste, Sudoeste e Centro, evidenciaram em 1991, um deslocamento para regiões de maior nível socioeconômico (Barra Funda, Consolação, Jardim Paulista, Moema), “revelando que não são mais habitantes de bairros “populares” (p.149). Com relação aos espanhóis, cuja presença era evidente em 1980 em bairros da região Sudeste e do Centro (Ipiranga, Mooca, Brás), em 1991, permanecem em parte no Sudeste mas deslocam-se para novos focos ao Sul (Campo Belo, Moema, Santo Amaro).

O Censo de 2000 revela uma queda de 16% na entrada de estrangeiros no Brasil, principalmente para as nacionalidades do grupo 1 e continua a “expulsar” brasileiros para o exterior, há também aumento das entradas de latino-americanos, chineses e coreanos. Os fluxos internos continuam intensos, mas houve mudanças muito reveladoras: a proporção dos que entram diminuiu em 12% e a dos que saem aumentou em 36%. O saldo migratório diminuiu em 54% em relação a 1995.

A presença imigrante e migrante na cidade se deu também através das suas Associações e sua vida cultural, redes de sociabilidade, cultura e lazer. A importância do reconhecimento do papel das festas e da religiosidade entre os migrantes e imigrantes é evidente, pois mostra formas básicas de enfrentar o “desenraizamento” próprio à imigração como salienta Sayad no seu trabalho sobre os imigrantes argelinos na França. De fato, as redes de sociabilidade se mostram como formas fundamentais na recepção de novas levas quer na imigração, quer na migração, no que diz respeito à possibilidade de facilitar a integração e a constituição de identidades, além do seu papel na territorialização dentro da metrópole (formação de “nichos” de identificação). A referência ao âmbito da cultura e do lazer entre os imigrantes e migrantes é fundamental por ressaltar a dimensão fora do trabalho que essas esferas evidenciam na constituição de identidades e trajetórias na

cidade. A religiosidade, particularmente, ajuda na compreensão de um aspecto que diz respeito não apenas aos imigrantes e migrantes, mas à constituição de uma sociedade de massas, como ressalta a autora: o reaquecimento religioso pode se dar pela necessidade de um reconhecimento e pertencimento ou atualização de significados para ordenar a vida.

Finalmente, a última parte do livro dedica-se exclusivamente aos italianos, abordando a constituição dos processos de territorialidade e alteridade, a formação da identidade operária entre os italianos das primeiras levadas imigratórias, o nacionalismo em relação ao regionalismo italiano e ao embate com os anarquistas etc., e ressaltando, entre outros aspectos, a importância da imprensa italiana em São Paulo, das escolas, do teatro, das sociedades lítero-musicais, do cinema, das festas. Enfim, esses aspectos revelam faces da cidade nas relações de alteridade entre cultura italiana e brasileira que são inseparáveis da constituição da sociedade e da cultura paulista e paulistana.

Além dessa análise que percorre fontes documentais e a própria bibliografia, a autora busca, através de entrevistas e depoimentos com italianos de ambos os sexos, complementar pela história oral as trajetórias dos imigrantes pela cidade. Essa reconstrução parte de aspectos significativos na experiência imigratória: a origem italiana (a experiência da viagem, da decisão de partir), as relações familiares (a posição do entrevistado na família, o tamanho e a composição da família e as relações), a habitação, as questões aí envolvidas no início e depois, as relações com os bairros escolhidos, a questão básica do trabalho dentro da família, as pessoas que trabalhavam fora, as relações que as decisões implicam. As entrevistas assim realizadas deram oportunidade, então, para a discussão dos espaços de sociabilidade na relação de alteridade: a vizinhança e o bairro, a identidade na vivência da comunidade e da conterraneidade, os aspectos culturais envolvidos (os espaços das festas, da Igreja, dos clubes). As entrevistas propiciaram também a evidência da constituição para esses informantes, da territorialidade dentro do espaço urbano e finalmente como a cidade de São Paulo é representada na sua evolução para essas pessoas.

Desta forma, a metrópole, que hoje se apresenta na forma de “cidade global”, desvenda através do trabalho de Maura Pardini Veras, as individualidades, as vivências na alteridade, as subjetividades nas diferen-

ças, no peso da presença estrangeira na constituição da metrópole paulista, ao lado dos migrantes nacionais, o impacto enfim da globalização na economia, de um lado, mas na cultura e no cotidiano, de outro, de modo a diferenciar dois processos: aquele que leva à homogeneização, mas sobretudo aquele que se aprofunda com a permanência das diferenças dentro das desigualdades e da discriminação. Assim, para finalizar com uma frase da própria Maura: “É dessa maneira que territórios e cidadania se entrelaçam no que Sayad¹ chamou de ‘paradoxos da alteridade’”.

¹ Sayad, A., *L'immigration ou les paradoxes de l'altérité*, Bruxelles, Ed. Universitaires, 1991.